

### 3.4. Os dois eixos estruturantes da obra – viagem e novela – e o estatuto do narrador

A dificuldade em classificar *Viagens na Minha Terra* é inegável. Não é tarefa fácil destrinçar a novela da viagem, até porque há uma clara intencionalidade por parte do seu autor em vincar o carácter espontâneo e natural da sua obra, revelador da posição independente de Garrett face às escolas literárias e à sua formatação.

Por isso, desengane-se o leitor mais ingénuo que, ao ler o primeiro capítulo da obra, pode pensar estar perante um registo factual de uma viagem até Santarém:

“*Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crónica.*” [cap. I, pp. 5-6]

Na obra garrettiana em análise é possível identificar três níveis narrativos distintos, como se passa a mostrar:



Assim, o primeiro nível diegético é o da viagem física, viagem esta que tem início no dia “17 deste mês de julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estreia” [p. 6], e da qual o narrador-viajante-autor fará a sua “reportagem”. Não está sozinho nesta viagem, que durará sensivelmente uma semana, de segunda a sábado: com ele estão os seus companheiros de viagem.

Esta viagem terá, porém, de ser vista numa dimensão que não física, já que o narrador-viajante ultrapassa o exemplo de Xavier de Maistre, cujo primeiro parágrafo é citado em epígrafe, pois a viagem circular que empreende suplanta os limites de um quarto e permite uma reflexão profunda e crítica sobre um triste Portugal.

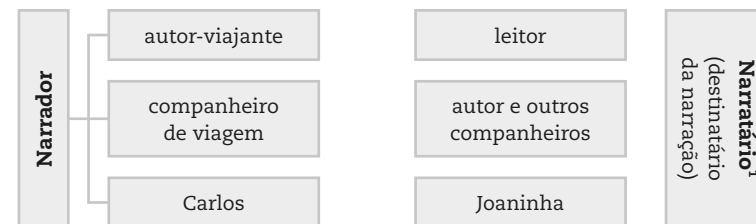
Nessa viagem real pelo país real, o capítulo X reveste-se de importância capital, pois, ao passar pelo vale de Santarém, há uma casa que desperta a curiosidade do narrador, curiosidade essa que será satisfeita por um dos companheiros de viagem, que passará a ser o narrador da novela

<sup>1</sup> Narrador que relata uma história na qual não se integra como personagem.

<sup>2</sup> Narrador que relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história.

sentimental que aquela casa encerra, o que leva a que o outrora narrador e os outros companheiros de viagem passem a ser narratários.

Em última instância, poderemos falar de um outro narrador, que será Carlos, quando, na carta que escreve a Joaquina, relata as suas (des)venturas no exílio inglês, instituindo-a, assim, como narratária deste nível narrativo. Assim, assistimos a um discurso polifónico em *Viagens*, em que diferentes vozes narrativas se conjugam, como podemos observar no esquema que se segue:



Devido a estes níveis diegéticos e à sua apresentação fragmentada, é natural que a leitura desta obra ofereça alguma resistência inicial; por isso, o papel do narrador é fundamental para ligar com mestria os diferentes relatos. Daí alertar o leitor para essas mudanças, como podemos ver no seguinte passo, no momento em que se inicia a novela da “*menina dos rouxinóis*”:

“É o primeiro episódio da minha Odisseia: estou com medo de entrar nele porque dizem as damas e os elegantes da nossa terra que o português não é bom para isto, que em francês que há outro não sei quê...”

[...]

Ainda assim, belas e amáveis leitoras, entendamo-nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripécias, situações e incidentes raros; é uma história simples e singela, sinceramente contada e sem pretensão.” [cap. X, p. 64]

Ao criar uma entidade narrativa que vai além da mera descrição dos factos e que assume um posicionamento crítico, quer quanto ao contexto sociopolítico, quer quanto à história de Carlos e Joaquina, Almeida Garrett revela não só uma preocupação pedagógica, mas também o seu desejo de evidenciar a sua habilidade estilística, como veremos no capítulo dedicado à linguagem e estilo. É este narrador, cuja análise será feita no capítulo relativo ao estudo das personagens, que assume o papel de controlar o fluxo narrativo e interligar habilmente as digressões entre o plano da viagem e o plano da novela, sem que sejam estabelecidos limites rígidos entre eles.

A apresentação fragmentada da novela deve, igualmente, ser entendida à luz da sua publicação folhetinesca, já anteriormente referida, em

<sup>1</sup> O narratário é o destinatário do ato narrativo, ou seja, a entidade a quem se dirige o relato narrativo, e que pode ser intradiegético (faz parte do texto) ou extradiegético (quando não mencionado). Não deve ser confundido com o “leitor”, tal como o narrador é distinto do autor real.